

P
Público

Os melhores planos

Os cinco trabalhos
vencedores do
concurso «Vamos
fazer um plano»,
para alunos do 3.º ciclo
do ensino básico e do
ensino secundário
Caderno especial
de 16 páginas

Tela da Paz
Dança de
pandeiro
Forno
Comunitário
Solidade
filarmónica
Burel
Fanfarras
Tanoeiro

Vamos fazer um plano O concurso

O futuro da cultura local passa por estes planos

Há precisamente um ano, Marcela Araújo aterrava em Portugal, de vez, com a família. Vinha de Paraíba, no Nordeste do Brasil, e tinha como destino final a cidade de Vizela, em Braga. Os primeiros meses foram de adaptação – à nova turma, o 9.ºF, ao clima, à cultura portuguesa. E um dia, sem que estivesse à espera, abriu-se-lhe uma janela para ir à descoberta do património local: “A gente estava numa aula de música e a professora nos falou do concurso ‘Vamos Fazer um Plano’. Disse-nos que tinha escolhido a nossa turma e que achava que nos íamos sair bem”, conta ao PÚBLICO na Escola. Dulce Costa, professora de música e pela primeira vez coordenadora do Plano Nacional das Artes na sua escola – a Escola Secundária de Caldas de Vizela – desafiou os alunos a pensar no que havia de mais distinto na vida cultural da cidade. “Chegámos à conclusão de que a terra tinha tanta coisa bonita em termos musicais (muito mais musicais do que noutra área qualquer), e então cada um começou a dizer a sua experiência, qual era o tipo

de grupos que conheciam.” E a turma saiu-se tão bem que acabou entre os cinco grupos vencedores deste concurso que junta o PÚBLICO na Escola e o Plano Nacional das Artes. Até ao final de março, estabelecimentos de ensino do 3.º ciclo do ensino básico e do ensino secundário do continente, regiões autónomas e de escolas portuguesas no estrangeiro podiam enviar a sua candidatura para a segunda edição do concurso “Vamos Fazer um Plano”. A proposta era que os alunos fizessem um plano, trabalho jornalístico que ocupa duas páginas lado a lado, sobre a cultura à sua volta. Além do Agrupamento de Escolas de Caldas de Vizela, venceram projetos do AE de Vila Verde (Braga); do Agrupamento de Escolas Gomes Teixeira, em Armamar, e do AE de Castro Daire (ambos no distrito de Viseu); e da Escola Básica Integrada dos Biscoitos, na Praia da Vitória, nos Açores. Este ano foram avaliados 38 trabalhos de 27 agrupamentos de escolas. Fizeram parte do júri: Bárbara Simões, coordenadora do PÚBLICO na Escola, e Lucinda Canelas, jornalista da secção de Cultura do PÚBLICO; Ilda Ambrósio, Paulo Lima →

de grupos que conheciam.” E a turma saiu-se tão bem que acabou entre os cinco grupos vencedores deste concurso que junta o PÚBLICO na Escola e o Plano Nacional das Artes. Até ao final de março, estabelecimentos de ensino do 3.º ciclo do ensino básico e do ensino secundário do continente, regiões autónomas e de escolas portuguesas no estrangeiro podiam enviar a sua candidatura para a segunda edição do concurso “Vamos Fazer um Plano”. A proposta era que os alunos fizessem um plano, trabalho jornalístico que ocupa duas páginas lado a lado, sobre a cultura à sua volta. Além do Agrupamento de Escolas de Caldas de Vizela, venceram projetos do AE de Vila Verde (Braga); do Agrupamento de Escolas Gomes Teixeira, em Armamar, e do AE de Castro Daire (ambos no distrito de Viseu); e da Escola Básica Integrada dos Biscoitos, na Praia da Vitória, nos Açores. Este ano foram avaliados 38 trabalhos de 27 agrupamentos de escolas. Fizeram parte do júri: Bárbara Simões, coordenadora do PÚBLICO na Escola, e Lucinda Canelas, jornalista da secção de Cultura do PÚBLICO; Ilda Ambrósio, Paulo Lima →



MIGUEL MANSO

A redação do PÚBLICO em Lisboa recebeu alguns dos alunos vencedores. À esquerda: Catarina Costa, dos Biscoitos, autora do plano sobre a dança de pandeiro da Terceira. Em baixo, da esquerda para a direita: as turmas de Vizela e Castro Daire enquanto viam e ouviam como se fazia o diário; o diretor do jornal, David Pontes, e Bárbara Simões, coordenadora do PÚBLICO na Escola, numa das tardes de mentoria



Vamos fazer um plano O concurso

e Susana Cabeleira, coordenadores intermunicipais do Plano Nacional das Artes.

O grande prémio era um processo de mentoria com jornalistas do PÚBLICO, que tem como resultado final a publicação dos planos, redenhados pelo *designer* do PÚBLICO Marco Ferreira para este caderno especial. Para o *designer* e subeditor, estreante na mentoria, “foi bom ver como grupos tão diferentes fazem trabalhos tão interessantes, numa área que, para quase todos, era desconhecida”. “Foi muito gratificante para mim ver a reação dos alunos e dos professores ao verem os trabalhos tratados depois de outra forma, já com o grafismo mais próximo do real do jornal”, afirma.

Aconteceu numa visita à redação do PÚBLICO em Lisboa, em junho, com o grupo do 9.ºF, de Vizela: “Está perfeito”, ouviu-se na voz da professora. E depois de uma volta pelo espaço de trabalho do jornal, lá confessaram que Marcela não era a única que não tinha qualquer proximidade com a paisagem musical da cidade. Só Ana Coelho, de 15 anos, conhecia bem o grupo que entrevistou, porque é composto por familiares seus.

Repórteres com consequência

As histórias da relação entre os temas dos planos vencedores deste ano e os jovens jornalistas que os prepararam têm alguns pontos de toque, mas estão cheias de particularidades. No caso do projeto da EBI dos Biscoitos, a proximidade foi um fator decisivo. Catarina Costa, que embarcou a solo nesta aventura, foi uma repórter por dentro: escreveu sobre a dança de pandeiro, um tipo de dança de Carnaval “popular da ilha [Terceira]” e acerca da qual “as pessoas não têm muito conhecimento”. “Eu tenho uma participação muito ativa, comecei a sair nas nossas danças de Carnaval com seis anos”, explica a aluna, de 14 anos.

Na primeira semana de julho, também Catarina teve a oportunidade de visitar a redação do PÚBLICO. A vinda ao continente deu-se por ter sido a vencedora do Concurso Nacional de Leitura em Voz Alta, organizado pelo município da Sertã. E estes dois concursos não foram os únicos que venceu: também este ano, ficou em primeiro lugar no Concurso Nacional de Leitura, promovido pelo Plano Nacional de Leitura. Ler e escrever são as suas atividades favoritas: fazem-na voar além dos limites da insularidade. Mas com este plano, o que quer mesmo é que “muitas outras pessoas possam conhecer esta tradição tão bonita” da sua ilha.

Esta “coisa dos concursos”, como lhe chama, é motivada pela



Em junho, os alunos do 9.º ano que deram a conhecer a “Vizela Musical” participaram no processo de edição do seu plano vencedor, ao mesmo tempo redenhado pelo designer do PÚBLICO Marco Ferreira (à esquerda na foto)

a tirar novas fotografias ou a fazer uma entrevista que falte. No fundo, trabalham para que o resultado final seja o mais rigoroso e completo possível. Foi isso que aconteceu também com o projeto de um agrupamento que já havia ganho no ano passado, mas cujo grupo era agora totalmente novo: Castro Daire. Tiago Ferreira, Rodrigo Silva e José Correia formaram um trio de ataque com a missão de divulgar e preservar os artesanatos locais e os seus saberes.

Foram tão bem recebidos pelos entrevistados que, a partir deste trabalho feito para o concurso, surgiu a ideia de um roteiro pedagógico em que todas as turmas do 7.º ano do “Valeu e valerá sempre a pena empenharmo-nos e fazermos a diferença”

Gabriel Fernandes
Aluno do 7.ºA,
AE Gomes Teixeira, Armamar

agrupamento terão acesso a estes lugares que visitaram. “É uma coisa que eu queria ter feito [na escola] e que nunca fiz”, comenta Tiago, de 16 anos, que fica visivelmente feliz por outros colegas virem a ter essa oportunidade. Neste grupo, é notória a preocupação por não deixar morrer as tradições locais. No caso de José, o seu tipo de ativismo foi juntar-se ao Rancho Folclórico das Termas do Carvalhal, que estava a ficar sem jovens. São adolescentes que se atiram ao compromisso e que esperam que o trabalho que fazem possa ter uma consequência. O exemplo dos colegas do ano passado é positivo: depois do plano em torno da Estação Arqueológica de Pedra dos Pratos, na altura ao abandono, a câmara municipal decidiu reativá-la, contam.

Projetos de escola que passam a planos

Há estabelecimentos de ensino em que a ligação à cultura local já foi formalizada. É assim no Agrupamento de Escolas Gomes Teixeira, em Armamar, com uma disciplina de Património e História Local. Foi por isso que chegar ao tema do plano com que venceram “foi fácil” – conta Gabriel Fernandes, aluno do 7.ºA. “Quando a nossa professora nos apresentou o projeto, ficámos radiantes. Nenhum de nós estava à espera de algo tão grandioso, pois somos uma escola do interior e nunca pensamos que as nossas histórias despertariam a curiosidade de alguém da cidade. Falar do

forno comunitário de Travanca, da arte da tanoaria, de uma aldeia-fantasma que outrora foi importante, mas hoje está em ruínas...”

Nesta disciplina prática, Gabriel diz que tem percebido que “valeu, e valerá sempre a pena empenharmo-nos e fazermos a diferença”. Em grupo, saem à descoberta das suas raízes – este ano acompanhados por um arqueólogo, em algumas aulas – e criam pontes entre o presente e o passado. O trabalho que aqui apresentam é, para o aluno do 7.ºA, uma prova de que “podemos estar ao nível de tantos meninos e meninas que todos os dias têm acesso a tantas coisas”.

A quase duas horas de distância de carro de Armamar, nasceu um plano como consequência da afinidade entre duas professoras, uma de Ciências Naturais e outra de Educação Visual. No início do ano letivo, Eugénia Aragão, a professora de Ciências do Agrupamento de Escolas de Vila Verde, notou que os alunos “não percebiam bem o que era a saúde mental” e começou a aprofundar o tema. A colega Alexandra Lago, com quem trabalha há 20 anos, agarrou o assunto e levou-o para o campo das artes. Deste encontro interdisciplinar resultaram duas exposições e, agora, um trabalho jornalístico.

Para Eugénia Aragão, a maior vantagem deste processo que aqui desagua é os alunos poderem sair da escola. “É uma forma de conhecerem várias pessoas, principalmente várias profissões; no fundo, conhecerem o mundo.”

Planos para o mundo real

Opinião



David Pontes

Um mundo tão marcado pelos termos “virtual” e “artificial”, os jornais colocam-se do outro lado do espectro, comprometidos que estão em fazer do real a sua matéria de trabalho. Na disputa da atenção, eles são o despertador, não o *scroll* infinito de pequenos retratos que parecem realidade, mas que só contam uma parte dela.

O jornalismo é ir para além da superfície, é ser capaz de mostrar de diferentes ângulos para obter a imagem o mais completa possível. As redações regem-se por princípios, regras, processos – e pela vontade de fazer muitas perguntas até chegar à notícia. Perceber o real exige esforço. E é isso que o PÚBLICO na Escola leva até milhares de alunos com quem contacta, uma forma de questionar o mundo para mais bem o perceber.

As ferramentas do jornalismo são igualmente excelentes formas de exercer a cidadania, auxiliares preciosos num mundo em que grassa a desinformação e as ratoeiras da manipulação se multiplicam. Fazer os alunos praticar jornalismo, devidamente acompanhados pela mentoria dos nossos profissionais, é mostrar-lhes o valor da informação cuidada, um bem essencial da democracia.

O concurso “Vamos fazer um plano”, parceria entre o PÚBLICO na Escola e o Plano Nacional das Artes, na sua segunda edição, é um excelente exemplo de como aplicar estes princípios. Para chegar às suas histórias foi preciso ver mais longe um espectáculo, um livro, um artista. Foi preciso comunicar, questionar, reflectir. E depois foi preciso aprimorar os instrumentos de contar a história, de forma a ser fixada num suporte bem real: duas páginas de jornal em papel. E os resultados são inspiradores.

A cultura como aventura

Opinião



Paulo Pires do Vale

“O que está morto, está morto. De facto, só me interessam as coisas vivas, que me interpelam, que se metem comigo. (...) Quero com isto dizer que só me atraí no passado aquilo que me permite compreender e viver o presente.”

José Mattoso, A escrita da história

Se lidássemos com a cultura como matéria viva e incandescente? É assim que deve ser tratada: não como o morto que temos de velar, mas corpo pulsante de sangue e respiração. Em vez de reverência e afastamento, ela pede-nos amorosa proximidade. Um corpo a corpo. Disponibilidade. Não apenas um conhecimento descomprometido, mas preocupação apaixonada. E se enfrentássemos os patrimónios e as artes como uma aventura? Não um território já desbravado, mapeado e seguro. Nem, sequer, algo passado, mas urgente presente. Um continente

desconhecido, não a certeza imóvel que uns (mais velhos e senhores da verdade) devem ensinar a outros (mais novos e meros consumidores). É tarefa infinita, processo de diálogo intergeracional, de construção de sentido em comum. Implica escuta e participação, conflito e negociação. Ou seja: promoção de cidadania.

E se pensássemos a cultura, as artes e os patrimónios como acontecimentos? Um verbo a ser declinado, uma ação a realizar, um gerúndio, em vez de os julgarmos como “coisas”. E não deve ser assim também uma aula? A procura, a investigação, a descoberta comum entre professor e alunos de uma verdade viva em acontecimento, não simplesmente a transmissão de algo já morto e inaltrável. Em vez de lidarmos com os outros como consumidores, olharmos para eles como colaboradores. Em vez de “fazer para”, “trabalhar com”.

Para que cada um possa participar na cultura de todos, temos de capacitar e dar condições. E as crianças e os jovens são já parte deste jogo, não o futuro, mas o presente. Agentes culturais responsáveis pelo

acompanhamento de professores e alunos, sabendo que a escola é um ponto fulcral no percurso de todos. Felizmente o PÚBLICO tem encontrado parceiros para este compromisso, aos quais é devido um agradecimento. A nossa gratidão ao Plano Nacional das Artes, por continuar a apostar nesta iniciativa, bem como aos nossos parceiros do PÚBLICO na Escola, o Ministério da Educação e a Fundação Belmiro de Azevedo. Este projecto é possível com o seu apoio e com o entusiasmo da equipa de literacia do PÚBLICO e dos seus jornalistas, sem cuja entrega não seria possível o sucesso que é o “Vamos fazer um plano”. Mas também nunca seria uma realidade sem a participação dos professores e alunos, que justificadamente estão todos de parabéns.

Diretor do PÚBLICO

Diretor do PÚBLICO

ambiente cultural do seu km2. Este suplemento é prova disso. Com este concurso, em vez de “levar cultura” ao território, provamos também que em todo o território já existe cultura e que as escolas são *polos culturais*: é fundamental valorizar a cultura que aí existe para, depois, poder identificar as expressões culturais que aí faltam e que é necessário colmatar.

Com os *planos* aqui apresentados, fica evidente que devíamos usar a palavra cultura sempre no plural. Seria mais exato escrever *culturas*, para não cairmos no perigo do reducionismo e na tentativa de tornar o diferente no mesmo. Para não nos arrogarmos a considerar os nossos conhecimentos e gostos culturais como o cânone, o modelo superior a partir do qual avaliamos (e desvalorizamos) outros. É preciso assumirmos, definitivamente, a diversidade como um bem. Também a democracia não é unanimidade: ela é e deve ser conflitual. Isso é parte da aventura.

Comissário do Plano Nacional das Artes

A tua escola dá notícias. E nós ajudamos-te a escrevê-las. Faz o teu jornal!

Com o TRUE vais ter acesso a todas as ferramentas necessárias para o trabalho da tua equipa de jornalistas.

Uma plataforma gratuita e fácil de usar para criares um jornal diferente e de confiança!

Envia-nos um email para true.publiconaescola@publico.pt



PÚBLICO na Escola apoiado por:



TRUE apoiado por:



Vamos fazer um plano Arte e saúde mental

Emoções, discussões e cumplicidade numa experiência de desenho em grupo que juntou arte, cidadania e saúde mental. Os alunos desenharam-se uns aos outros e criaram a Tela da Paz. *Por Leonor Alves, Leonor Vilela e Vitória Azevedo, 9.º D*

À flor e debaixo da pele

A saúde mental começou por ser um tema abordado nas aulas de Ciências do 9.º ano. Fizeram-se vários grupos de alunos e cada grupo tratou um assunto (ansiedade escolar, fobia social, *bullying*, emoções, relações e complicações, agressões físicas, agressões verbais, isolamento social e respeito pelo outro). Depois, a professora de Ciências (Eugénia Aragão), a mediadora de conflitos (Diana Costa) e a professora de Educação Visual (Alexandra Lago) juntaram-se e a saúde mental passou a ser também tema de desenhos e motivo de debate a propósito das obras criadas.

A Tela da Paz do Agrupamento de Escolas de Vila Verde esteve sob a orientação da professora Alexandra Lago, num trabalho colaborativo com as suas nove turmas.

No 1.º período, a tela foi colocada na sala de aula durante duas semanas, na Escola Básica Monsenhor Elísio Araújo, e num trabalho a várias mãos fez-se uma composição resultante de um *brainstorming* e diversas discussões sobre a paz. “O tema gerou alguma inquietude e insatisfação, levando os alunos a introduzir o conceito de guerra. Foi todo um trabalho de confrontos e contrastes – o preto, o branco, a guerra, a paz e o vermelho que é o



resultado deste confronto e conflito, de guerra e paz”, resume a professora Alexandra Lago. Permitted, também, “um trabalho de pesquisa de simbologias, chegando a esta pomba com asas abertas, numa imagem bastante dramática. O trabalho utilizou diferentes materiais e técnicas, mas o mais importante foram as discussões que gerou”.



Tela da Paz

Os alunos desenharam-se uns aos outros de várias formas

“O trabalho de desenhar o rosto de um colega pode ser um desafio, mas também pode ser uma oportunidade para aprender sobre o respeito e a empatia. Desenhar o rosto de alguém requer atenção aos detalhes e às características individuais, o que pode ajudar a construir um senso de conexão e respeito pelo colega.”

Maria Bernardes, 9.º D



“Esta atividade foi realizada para termos várias perceções dos movimentos do corpo humano. Para isto foi preciso um painel de madeira, um copo de plástico e um marcador. Usamos o nosso corpo para fazer diversas poses. Durante esta atividade em turma, vivemos um misto de sentimentos, como a alegria, e também refletimos sobre os nossos atos e pensamentos.”

Grupo 1

“Quando fomos desenhados pelos colegas, sentimos logo alguma ansiedade e medo de errar; depois fomos relaxando; fomos ficando calmos, para não estragar os contornos. Ganhamos confiança e sentimos entusiasmados. Ficamos felizes.”

Grupo 3

Explorando os mistérios da mente: a ciência dançando com a arte

Desenhar também pode ajudar a construir cumplicidade e empatia. Ao compartilhar os seus desenhos com as outras pessoas, é possível estabelecer uma conexão emocional e compreender melhor os seus sentimentos e perspetivas. Além disso, observar os desenhos de outros permite desenvolver empatia e compreender melhor as suas emoções. Desta forma, o desenho pode ser usado como uma ferramenta para a construção de relacionamentos mais profundos e significativos, porque aumenta a cumplicidade e a empatia entre as pessoas. Também o desenho em grupo pode ser uma forma eficaz de promover a dinâmica de grupo e aprimorar as habilidades interpessoais dos participantes. Ao trabalharem num projeto artístico comum, as pessoas são incentivadas a colaborar, a escutar ativamente, a respeitar as opiniões dos outros e a compartilhar ideias. Estas habilidades são importantes, não somente na arte, mas também na vida quotidiana e profissional e podem ser aprimoradas através da prática do desenho em grupo.

Nesta obra (imagem ao lado) está apresentado um conjunto de corpos em movimento, mas num só. Participamos neste trabalho, desenhando e representando os nossos corpos. Para fazermos o trabalho, utilizamos como materiais uma caneta azul, um quadro de madeira e vários modelos de corpos em diferentes posições. Sentimos com este trabalho muita alegria, paz, felicidade, relaxamento e convívio. Gostamos deste trabalho/obra de arte e foi uma experiência inovadora. **Vitor Fernandes, 9.º B**

Arte e expressões corporais na promoção da saúde mental

As expressões corporais e a arte têm uma ligação profunda com a saúde mental. A expressão corporal é a maneira como as emoções são transmitidas através do corpo, e a arte é uma forma de canalizar e expressar essas emoções. A arte pode ser usada como uma forma de terapia para a saúde mental, ajudando as pessoas a expressar e a processar as suas emoções. Através da criação artística, as pessoas podem explorar e compreender as suas emoções, ajudando-as a lidar com questões existenciais, sociais ou emocionais. Desse modo, as expressões corporais podem ser usadas como uma forma de terapia. Através da dança e do movimento, as pessoas libertam a tensão e a ansiedade, aliviam o stress e melhoram seu bem-estar emocional.

ENTREVISTA COM ZÉLIA ANASTÁCIO

“A arte em si mesma é promotora de saúde mental”

Zélia Anastácio é professora Auxiliar do Instituto de Educação da Universidade do Minho (IE-UM), onde leciona as unidades curriculares de Biologia Humana e Saúde e Ciências da Natureza I.

Qual a sua área de intervenção?

A minha área de intervenção é a promoção e educação para a saúde, englobando todas as suas áreas e princípios orientadores. Dentro desta grande área tenho trabalhado mais na educação para a sexualidade, mas também tenho vindo a interessar-me muito pelo sono, pelas emoções e pela gestão do stress e ansiedade.

Como se interessou por essa área?

As coisas mais difíceis sempre me despertaram mais interesse, encarando-as como desafios que me estimulam a desenvolver e a crescer. A educação para a sexualidade tem sido e continua a ser um tema difícil de trabalhar e como acho que é uma dimensão normal do ser humano, não vejo por que razão deva ser contestada. Nesta temática temos o tema das emoções, de que gosto muito, assim como o tema da violência, do qual não gosto, mas considero muito necessário trabalhar a prevenção e, sobretudo, a proteção das crianças e adolescentes, especialmente no que respeita ao abuso sexual.

O que a levou a interessar-se pela saúde mental?

O que me interessa mesmo é a saúde emocional, gosto mais desta versão. A saúde mental parece-me um conceito mais patológico e a minha perspetiva é mais positiva. Tudo está ancorado no cérebro, tanto a mente como as emoções. E este é talvez o órgão mais fascinante para mim, como professora de Biologia e de Saúde.

O que descobriu de relevante acerca da saúde mental?

Não descobri nada de relevante, apenas encaro como um grande desafio. Sabendo que a saúde é um estado de equilíbrio, todas as dimensões têm de estar em

equilíbrio. Tenho vindo a perceber cada vez melhor como a saúde mental se repercute na saúde física e vice versa. Então o que mais me agrada é ajudar as pessoas a perceberem que se tiverem um pensamento positivo e desenvolverem boas competências emocionais terão melhorias significativas em saúde física, enquanto um pensamento pessimista continuou se vai traduzir em sintomas psicossomáticos e seguidamente em doença física instalada, que piora a saúde mental, mantendo-se assim um ciclo vicioso.

O que está a investigar neste momento?

Atualmente estou a investigar competências emocionais em crianças e profissionais que lidam com crianças, sexualidade adolescente, influência do ambiente na fertilidade e posteriores efeitos na saúde das crianças, como o autismo e o transtorno de hiperatividade e défice de atenção. E aqui estamos já muito na área da saúde mental e neurológica. Claro que não faço isto tudo sozinha, tenho um bom grupo de pessoas interessadas nestes temas e cada pessoa dedica-se a um tema que lhe interesse.

Como reagiu ao trabalho dos alunos ao ligarem arte, cidadania e saúde mental?

Acho muito bom, muito interessante mesmo e de uma criatividade excelente. A arte estimula o nosso pensamento. As atitudes de cidadania são o reflexo da nossa condição de saúde mental. A arte em si mesma, a dedicação à sua prática e à sua criação, é promotora de saúde mental, ajudando-nos a relaxar, embora por vezes também traduza o desequilíbrio mental do artista. Aliás a expressão artística é um excelente diagnóstico de saúde mental, para quem souber interpretar os traços e as construções. As cores, as formas, as dimensões, refletem o estado de interioridade do criador da arte. Por outro lado, a cidadania traduz a preocupação com o outro e com o meio, incluindo aqui competências emocionais como a empatia, a autoconsciência, a automotivação. Então quem consegue conjugar esses três vértices talvez esteja num triângulo equilátero. Trazer também para aqui a matemática para atingir o equilíbrio.



Vamos fazer um plano Formações musicais

Nesta cidade do distrito de Braga, a música liga gerações e molda a comunidade. É ela que preenche os dias dos jovens que se reúnem para tocar, como os pais antes deles; é ela que põe um sorriso no rosto dos mais velhos que acham, e bem, que nunca é tarde para aprender

Blue guns

Este é um grupo composto por quatro rapazes – Tiago na bateria, Hugo na guitarra, Gustavo no baixo e Rui na voz.

É uma banda fundada em junho de 2020, em plena pandemia. Numa altura de dificuldade extrema para todos, os quatro jovens resolveram unir-se em torno da música, dando e recebendo alento através dela.

Lançar o primeiro original e dar mais concertos para a população vizelense estão entre os objetivos de 2023.

A sua grande inspiração é o gosto pela música e o facto de quererem seguir as pisadas dos pais, que outrora também fizeram parte de uma banda.

A criação das suas próprias músicas, que querem ver chegar a cada vez mais pessoas, em Portugal e no estrangeiro, é a sua maior ambição.

Adotaram um estilo mais descontraído, usando roupa larga, t-shirts e sapatilhas. **Hadassa Sales e Rodrigo Fonseca, 9.ºF**

Sociedade Filarmónica Vizelense

A Sociedade Filarmónica Vizelense conta com aproximadamente 80 elementos, mas um dos seus grandes objetivos é atrair cada vez mais pessoas, chamando-as a dar o seu contributo para a instituição e para a cidade.

Motivada pela possibilidade de transmitir felicidade através da música, esta formação musical participou em festejos a 15 de janeiro de 2023, em honra a São Gonçalo, em São Paio de Vizela; a 21 de janeiro no concerto de Ano Novo, em Vizela; e no dia seguinte nas festas de São Vicente, desta



A banda Blue Guns nasceu há três anos, durante a pandemia de covid-19

Uma cidade feita de

música



vez em Guimarães. Em fevereiro atuaram na festa da Senhora das Candeias, em São Faustino.

Grande parte dos elementos que compõe a banda desta sociedade considera que o convívio na instituição é um dos alicientes para a participação nas suas atividades.

Os ensaios realizam-se às sextas-feiras ou aos sábados, pelas 20h30. Nos concertos todos os membros utilizam fato completo (calças, blazer, de tonalidade escura, camisa branca e gravata) e calçam sapatos clássicos. É no seio desta instituição que podem estudar música e escolher o instrumento que melhor se coaduna consigo, com a sua personalidade. **Afonso Marinho e Gabriel Silva, 9.ºF**

A Universidade Sênior

A Universidade Sênior do Rotary Club Vizela é uma instituição que visa dinamizar atividades de foro educativo-social, destinando-se essencialmente a pessoas com mais de 50 anos.

Com formação em teatro, música ou português, a Universidade Sênior conta com uma equipa docente de excelência, proporcionando às pessoas que a frequentam aulas das mais diversas áreas do saber, promovendo o espírito crítico e ativo no seio da população de Vizela.

A Universidade Sênior nasceu há perto de 15 anos e por ela passaram vizelenses como Manuela Castro, Luzia Peixoto, Fernanda Costa e Lurdes Abreu, entre muitos outros.

Nos dias de hoje, conta com a voz ativa do orfeão da Universidade Sênior que, mediante a alçada do Reitor Sr. Pereira e sob a direção da maestrina Dulce Costa, participa em concertos e eucaristias. Entre as diversas atividades deste ano, destacam-se o cantar de reis e a dinamização da eucaristia, na missa das 19h00 da paróquia de São Miguel, no dia 18 de fevereiro.

Com este projecto pretendeu-se, desde o início, unir os habitantes da cidade, atenuar a solidão entre os mais velhos e contribuir para a felicidade crescente de todos.

Os ensaios do orfeão realizam-se às quintas-feiras; às quartas, treina em exclusivo um grupo composto por cavaquinhos, que faz parte da mesma associação.

De fato preto, camisa branca, gravata preta e um lenço amarelo, espalham alegria pelo povo de Vizela, cantando e tocando, dando a ouvir o que aprenderam durante todo o ano. **Tiago Silva e Miguel Machado, 9.ºF**

Associação Musical e Recreativa Família Peixoto

A Associação Musical e Recreativa Família Peixoto é uma associação constituída por várias formações.



De cima para baixo: Sociedade Filarmónica Vizelense; orfeão da Universidade Sênior; fanfarra da Associação Musical e Recreativa Família Peixoto; e grupo musical 4 Mens

Foi fundada em 2007 e dela fazem parte os grupos de bombos (cerca de 30 elementos) e de cavaquinhos (sete músicos), o conjunto típico (também sete instrumentistas) e a fanfarra (o mais numeroso dos quatro, com 60 pessoas).

Este ano têm vindo a inovar e a trabalhar pela excelência, sem deixar de espalhar a energia, o ritmo e a alegria pelas ruas da cidade de Vizela. Em janeiro participaram no festival de reis (em Infias, Tagilde e Vilarinho) e, no Carnaval, a fanfarra saiu à rua para dar vida às personagens que desfilaram pelas ruas.

No que concerne à inspiração, esta veio sempre e definitivamente do facto de a Família Peixoto ter a uni-la o gosto pela música.

Os ensaios alternam entre terça, sexta, sábado e domingo. Os grandes objetivos desta associação neste momento são atrair mais jovens e promover a diversão na cidade de Vizela e arredores.

Nas suas fardas, o grupo de bombos faz alusão às cores de Vizela - o azul e o amarelo. Nunca deixam de participar na Feira Romana da cidade, desfilando pelas ruas. **Ana Coelho e Lara Sousa, 9.ºF**

4 Mens

O 4 Mens é um grupo de música popular portuguesa de grande expressão em Vizela e é composto por quatro elementos: Artur Peixoto, Leandro Ferreira, Rui Freitas e Hélder Costa.

O seu primeiro trabalho discográfico denominou-se *O Meu Leitinho*, em junho de 2008, seguido de *O Rico Bacalhau*, em março de 2010. A sua popularidade viria a crescer em 2012 com o trabalho *Amansa Corno*, que projetou o grupo a nível nacional.

Entre trabalhos televisivos e a participação em festas e romarias, os 4

Mens espalham alegria por todo o lado e levam o espírito guerreiro do povo de Vizela por onde passam. *Ninguém Pode Parar* é o seu último projeto.

Costumam subir ao palco de camisa branca, calça e sapatos escuros, e suspensórios e gravata vermelhos. **Diogo Almeida e Rui Pedrosa, 9.ºF**

Fanfarra da Real Associação Humanitária de Bombeiros de Vizela

A Fanfarra da Real Associação Humanitária de Bombeiros de Vizela foi fundada com a Banda dos Bombeiros de Vizela (em 1887), evoluindo para uma associação autónoma e independente a 6 de setembro de 1975.

Bruno Barbosa é um dos elementos que nela se destacam, por estar incumbido de tocar clarim e de ajudar na formação de novos elementos.

No corrente ano a fanfarra já participou no Carnaval em Nespereira e, a 23 de fevereiro, na procissão dos símbolos promovida pela Jornada Mundial da Juventude. O seu calendário de compromissos incluiu ainda a festa do concelho, a 19 de março, as comemorações do 25 de Abril e o aniversário dos Bombeiros de Vizela, que se festeja no dia 8 de maio.

No que toca ao fardamento, a fanfarra rege-se pelo fardamento do corpo de bombeiros, isto é, camisa de manga curta com símbolo da associação do lado esquerdo, luvas brancas, sapatos pretos e boina. **Marcela Araújo e Rodrigo Pereira, 9.ºF**

A arte é cega, surda e muda e vai para onde a levarem

Opinião

Dulce Costa

A música é a arte mais completa de todas. Entra pelo ouvido, vai para o coração e manifesta-se através da alma. Acreditamos que a alma de um povo depende inteiramente das suas culturas e raízes. O sorriso estampado nos rostos dos vizelenses, como uma característica tão própria e natural deste povo, leva-nos a fazer uma viagem pelo mundo da música e a perceber que, nos escombros da cidade de Vizela, existem

realmente instituições e grupos que, através da música, levam à população a alegria contagiante que tanto lhe é característica, contribuindo para uma sociedade mais completa e feliz.

O público-alvo vai variando de instituição para instituição, tentando assim dar resposta às mais diversas faixas etárias, de modo a que, com a música, possa chegar a toda a população de Vizela amor e alegria. Faremos, de seguida, a tipificação de algumas das instituições que promovem esta troca musical capaz de melhorar a vida das pessoas, a vida da cidade.

Professora

Vamos fazer um plano Património local



O Maçãzinhas, um explorador como nós

Olá! Eu sou o Maçãzinhas e sou explorador das turmas do 7.ºA, 9.ºA e 9.ºB, do Agrupamento Gomes Teixeira, de Armamar. Chamo-me Maçãzinhas, pois sou a mascote que mais dignifica o concelho de Armamar, grande produtor de maçã muito apreciada. Estou aqui para vos apresentar o que eu e os meus amigos exploradores fazemos nas aulas de campo de Património e História Local, uma disciplina nova criada pela nossa escola.

Nesta disciplina descobrimos e exploramos o património cultural de Armamar, visitamos sítios que não conhecíamos, alguns deles na nossa própria localidade, e aprendemos a valorizá-los e a conhecer-nos melhor.

Visita ao Menir de Fontelo, um dos mais altos de Portugal

Guiados pelo Maçãzinhas fomos conhecer o Menir de Fontelo. Situado no Vale de Naçarães, a sudoeste da povoação de Fontelo, é um dos mais altos de Portugal. Trata-se de um monólito talhado em rocha granítica da zona, com forma subcilíndrica, embora mostrando ambas as extremidades apontadas, medindo 5,32 metros de altura e 1,18 metros de largura máxima, como constataram no local os nossos exploradores que, de mochila às costas, fita métrica e bússola na mão, partiram à descoberta.



A andar pelo campo e pelas aldeias também se aprende

Sair da sala de aula para explorar um território que lhes é familiar (ou devia ser) na companhia de uma professora e de um arqueólogo foi o que fizeram ao longo do ano estes alunos de Armamar. Resultado? Ficaram a conhecer melhor o património local e a saber protegê-lo e porquê. O Maçãzinhas foi com eles



Nas sepulturas escavadas na rocha

Acompanhados pelo arqueólogo José Carlos Santos e pela nossa professora participámos numa descoberta fascinante. Tivemos oportunidade de ser verdadeiros arqueólogos e de contactar com os instrumentos e técnicas por eles usados. Limpámos, tirámos medidas, recorremos à bússola e registámos as descobertas. Missão cumprida, exploradores!

Fomos conhecer o marco romano de Aricera

Sabias que os Romanos estiveram em Armamar? Pois, eles estiveram aqui, e a prova disso é que, ao percorrermos as ruas da bonita aldeia de Aricera, encontramos a servir de padieira num casebre um marco romano – um bloco de granito amarelo com cerca de 1,30 metros de altura.

O marco não está completo, porque foi cortado à medida da necessidade de quem ali o colocou. Segundo José Carlos Santos, arqueólogo que nos tem acompanhado nalgumas aulas de campo e responsável pela descoberta, “é muito provável que o restante se encontre aplicado em alguma construção próxima”.

O marco contém “inscrições que, embora até hoje tenham passado despercebidas, revelam informação importante a respeito da organização territorial da região no tempo dos romanos”.

Visita às ruínas de Pai Calvo

A sul do Marmelal existem ruínas de edifícios em xisto, casas de habitação e lagares: são as ruínas de Pai Calvo. Aqui terá existido uma quinta (Quinta de Paicalvo), também conhecida por “Eiras de Pay Calvo”.

A ocupação do lugar deve remontar a meados do século XVII, altura



Nas ruínas das aldeias ou dos lugares, num muro à beira de uma estrada feito com pedras de outros tempos ou num menir que é motivo de visita aprende-se tanto ou mais sobre o passado do que numa sala de aula com a porta fechada. Sair para o campo é um privilégio

em que os vinhos do Douro começaram a ser exportados com sucesso e a viticultura duriense se começou a expandir. A história deste lugar está, portanto, ligada à história do cultivo da vinha no Douro.

No século XVIII, Pai Calvo era lugar de destaque na estrutura vitivinícola duriense. Nas demarcações pombalinas de 1757 a Quinta de Pai Calvo foi incluída na “zona provável de feitoria”, a segunda melhor classificação, a seguir à de Feitoria. Hoje, Pai Calvo é uma ruína, uma ruína com muita história, de muitas memórias de homens e de mulheres que por aqui passaram, aqui viveram e aqui deixaram a sua marca em tempos tão difíceis.

Visita à ponte antiga de Santo Adrião

Em Santo Adrião existe uma ponte seiscentista que se ergue sobre o rio Tedo, em vale profundo muito arborizado, com encostas cultivadas, estabelecendo ligação directa entre as povoações de Santo Adrião (concelho de Armamar) e de Santa Leocádia (concelho de Tabuaço).

Trata-se de uma ponte de cavalete pouco pronunciado, composta por dois arcos de volta perfeita, de idênticas dimensões, formados por aduelas regulares, apoiados por talhamaças. O preenchimento lateral e superior dos arcos é feito por blocos de pedra aparelhada, regular, assentes sem argamassa. Possui pavimento de lajes graníticas e as guardas são de duas fiadas de blocos aparelhados.

Cronologicamente, terá sido construída sobre as fundações de uma outra mais antiga, possivelmente romana. Mede cerca de 50 metros de comprimento, quatro de largura e nove de altura, sendo considerada a ponte mais comprida sobre o Tedo. Está classificada como Imóvel de Interesse Público desde 1983.

Visita aos Marcos Monásticos na Quinta da Tamanqueira, Cimbres

No dia 26 de Abril os Maçãzinhas, acompanhados pelo arqueólogo José Carlos Santos e pela docente da disciplina, Anabela Santos, visitaram os marcos monásticos localizados no muro da Quinta da Tamanqueira, junto à estrada que liga Meixedo a Cimbres e Salzedas.

Trata-se de marcos de demarcação de propriedade e exploração agrícola, em cantaria de granito, de forma paralelepípedica, apresentando, numa das faces, a respetiva inscrição.

Serão do século XVI e destinaram-se a delimitar todo o perímetro da Quinta da Tamanqueira, propriedade do Couto e Mosteiro de Salzedas.

Mais uma aula de descoberta por terras de Armamar! Obrigada, Maçãzinhas! Até à próxima visita!

O forno comunitário

Antigamente, nas aldeias, eram poucas as casas que tinham o seu próprio forno. A alternativa era o forno comunitário, espaço entendido como uma ferramenta coletiva para a criação de diferentes tipos de pão, tornando-se num espaço público, de convívio e conversa que, em muitas regiões do Douro, perdurou até aos nossos dias, ainda que muitas vezes numa vertente turística ou de recreação das artes e dos ofícios das aldeias.

Durante séculos o pão foi o alimento base das famílias e era feito em fornos de lenha, alguns deles usados por

toda a aldeia. Era nos fornos comunitários que se cozia a massa feita com o centeio, o trigo ou o milho que os habitantes das localidades tinham semeado nas suas terras de cultivo.

Os edifícios com fornos comunitários que perduram nas aldeias são, em regra, térreos, de organização simples, compostos por uma sala ampla rodeada de bancadas em pedra, tendo a um canto o forno, de construção abobadada, revestido de granito e com interior em tijolo. Possuíam, ainda, um espaço no interior para a lenha. O pão era ali feito em troca de uma poia, isto é, de uma parte do tabuleiro cozido, que podia ser um pão ou dois.

Os fornos comunitários são pontos de interesse das comunidades, pois constituem o património popular das aldeias, carregando a história e as estórias de gerações de pessoas que tinham no pão o alimento para o corpo, mas também para o espírito, pois o pão simboliza a vida, a renovação e a prosperidade.

Visita ao forno comunitário de Travanca

Em fevereiro fomos conhecer o forno comunitário de Travanca. Ficámos admirados com tudo o que vimos e, acima de tudo, com os conhecimentos que adquirimos. Entrevistámos a senhora dona Rosa Pinto, a dona Virgínia Fonseca e a dona Fortunada Rodrigues.

“Em tempos houve aqui uma forneira [aquela que deitava lenha ao forno e o preparava para cozer o pão]. Todas gostavam de ser forneiras, pois em cada ‘fornada’ ficavam com uma ‘poia’, um pão. Era o que ganhavam. Certas vezes, a forneira esquecia-se e marcava três pessoas para uma fornada. Então, cada uma dava uma parte da sua massa à forneira e chamava-se ao que ela fazia

com essa parcela o Pão das Três Marias”, contou Rosa Pinto.

Todas as semanas, lembrou Virgínia Fonseca, “se usava o forno para fazer uma fornada de pão e um caldo de sopa nos potes de ferro. Essa sopa era para dar aos pobrezinhos que faziam fila à porta, à espera”.

Fortunada Rodrigues partilhou connosco a reza que então faziam para que o pão crescesse: “Amassei-te e fiz-te o que pude/ Nosso senhor te ponha a Santa Virtude/ São João te faça pão/ São Vicente te acrescente/ Em Louvor de São Gonçalo/ Que não fique insonso nem salgado”.

No final saímos mais enriquecidos e fascinados, pois noutros tempos este forno, para além de dar sustento à população, também servia para unir as pessoas.

O tanoeiro de Armamar, um dos últimos do Douro

Tal como o comércio do vinho do Porto nunca teria sido possível sem o barco naulca, que transportava o vinho da região vinhateira do Douro até ao Porto, também os tanoeiros têm o seu lugar na história deste património da humanidade.

Durante séculos, gerações de tanoeiros dedicaram a vida à sua arte, fazendo pipas, tonéis e balseiros de madeira usados para o transporte e envelhecimento do vinho do Porto.

Hoje o vinho do Porto já não é transportado em pipas Douro acima mas, para o seu envelhecimento, as pipas, toneis e balseiros continuam a ser fundamentais, o que os torna indispensáveis para uma produção de qualidade. Tudo isto faz com que o ofício de tanoeiro seja hoje tão importante como antes. É por isso que é conhecida entre os tanoeiros a expressão: “enquanto houver vinho do Porto, haverá tanoeiros”, dita como a certeza de quem sabe que esta arte ancestral cheia de segredos passados de geração em geração vai perdurar.

Herdando ainda em criança os ensinamentos desta arte tão nobre, aperfeiçoam o seu saber durante os muitos anos de aprendizagem e experiência. Perfeccionismo, saber matemático e conhecimentos de enologia são essenciais para os tanoeiros conceberem os cascos de madeira que permitem um limitado, mas constante, contacto do vinho com o ar.

Os tanoeiros são guardiões de uma arte que é responsável por todos os sabores e aromas especiais que assaltam o vinho durante a sua estadia nas caves. As zonas ribeirinhas, como o Douro, são o chão onde os tanoeiros são atores principais de uma cultura secular, uma cultura que permitiu ao Douro ser a primeira região vitivinícola demarcada do mundo. Salvar esta arte é fundamental. O nosso guardião está com vontade de o fazer, só aguarda um espaço onde possa dar a conhecê-la.



ENTREVISTA COM ANTÓNIO OLIVEIRA

O tanoeiro que também é avô do Bruno

Um dos nossos amiguinhos, o Bruno, tem um avô que é tanoeiro. Chama-se António Oliveira. Como não conhecíamos esta arte propusemos-lhe uma visita e lá fomos nós. Ficámos deslumbrados, pois é dos últimos tanoeiros da região.

MAÇAZINHAS - Como se chama?
ANTÓNIO OLIVEIRA - Eu chamo-me António Oliveira e sou tanoeiro.

Que idade tem?
Tenho 66 anos.

Há quanto tempo trabalha nesta arte de fazer pipas e tonéis?
Desde pequenino, aos seis anos já trabalhava como ajudante.

Trabalha sozinho?
De momento sim.

Aprendeu com quem?
Aprende com o meu pai. Éramos três irmãos a aprender a arte da tanoaria. Durante algum tempo trabalhámos todos juntos, até que tivemos que emigrar para a Suíça. Mais tarde, em 1992, retomámos a atividade.

Foi sempre esta a sua profissão?
Esta foi a profissão que aprendi com o meu pai. Quando fui para a Suíça tive de trabalhar na agricultura e num aviário.

Existe alguém na família que tenha aprendido consigo este ofício?
Não, de momento ainda ninguém da minha família continuou este ofício. Faço parte da última geração de tanoeiros.

Gostava de deixar um aprendiz que perpetuasse o seu ofício?
Sim, gostava. Tenho feito todos os esforços para ensinar esta arte aos mais jovens, inclusive já dei formação a alguns alunos da escola de Armamar, mas sem sucesso, por falta de interesse e

de vontade de se dedicarem a este ofício. Mas neste momento estou a dar formação a um outro jovem, que demonstrou interesse em aprender.

É fácil ser tanoeiro?
Para mim é, porque faço aquilo de que gosto. No entanto, reconheço que é uma arte difícil de aprender, porque exige esforço físico, dedicação e criatividade.

Com que tipos de madeiras trabalha?
Madeiras de carvalho e de castanho, mas também madeiras recuperadas de pipos velhos.

De onde vêm os arcos que usa?
Os arcos são comprados em casas especializadas em ferro. Cerca de 50% são reciclados.

Que tipos de peças produz?
Pipos, angoretas, dornas, balsas, canecos, mesas, bares, tudo com formato de pipos. E também barcos rabelos, carroças e carros de bois.

Tem muitas encomendas?
Sim, sempre tive muitas encomendas para todo o país e até para o estrangeiro. O meu trabalho é conhecido e valorizado, através de exposições que faço em Portugal e no estrangeiro.

Que tipo de encomendas recebe?
Tenho feito mobílias completas para salas e até cozinhas, tudo no formato de pipos.

Este ofício é rentável?
Sim, este ofício sempre deu para eu viver, sustentando a minha família sem dificuldades.
Gostamos muito de o conhecer. Esperamos que alguém dê continuidade ao seu ofício e perpetue o seu nome.



Vamos fazer um plano Roteiro pedagógico

Este arte- sana- mento

N o concelho de Castro Daire são muitos os artesãos que, dispersos por aldeias cada vez mais despovoadas, teimam em não fechar as suas oficinas. Trabalham a lã, a madeira, o vime. Fazem-no sozinhos ou em cooperativas. Apostados em não deixar morrer o artesanato castrense, os alunos de um curso profissional de informática foram para o terreno e fizeram um apanhado dos que estão ainda em atividade, na sua maioria idosos, e com eles criaram um Roteiro Pedagógico a ser cumprido anualmente pelos seus colegas mais novos. É a pensar no futuro que querem juntar gerações.

Um projeto a pensar no futuro

Nas últimas décadas, o turismo dito “cultural” ganhou notoriedade e a sua importância no mercado do turismo global tem vindo a crescer substancialmente.

Castro Daire entra nesse mercado com artefactos únicos, distintos. É partindo desta consciência que surge o projeto de divulgação do Artesanato Castrense, o qual tem por objetivo transmitir às gerações futuras as vivências e as tradições dos mais antigos, contribuir para a preservação do património do concelho de Castro Daire e dinamizar as aldeias em desertificação.

Os responsáveis pelo desenvolvimento desta ideia são os alunos da actual turma do 2.º B, Curso Profissional de Informática – Sistemas, que, no primeiro período do

não é só passado

O que andaram a fazer os alunos de um curso profissional de informática que decidiram percorrer o concelho de Castro Daire? A conhecer aldeias e artesãos, a aprender para que serve uma palhoça ou como se trabalha o barro preto de Ribolhos. E agora os mais novos vão seguir-lhes os passos

Na maioria das aldeias, são apenas os mais velhos que mantêm vivo o artesanato, mas há exceções. No barro preto de Ribolhos ou nos grupos e cooperativas que trabalham o burel



O burel Artesanato secular

O artesanato reflete uma cultura secular, a do modo de vida castrense que, ao longo de gerações, soube transformar a matéria-prima de que dispunha em objetos utilitários e decorativos, utilizados pela sua originalidade e encanto. A pastorícia, em particular a prática da transumância, tornou indispensável o burel, feito 100% de lã, um tecido tradicional no concelho de Castro Daire.

Vários são os coletivos de criação e produção que o transformam, bem como à lã e ao linho, criando peças de vestuário únicas, algumas com um design contemporâneo, bem como colchas, toalhas de mesa e de banho, almofadas e outros produtos, usando teares manuais/tradicionais.

Entre estes coletivos encontramos o grupo de artesanato Capuchinhas, em Campo Benfeito, Gosende, e a Cooperativa de Artesãos do Montemuro, no Mezio.

Capuchinhas Campo Benfeito

As Capuchinhas do Montemuro, como são conhecidas, criam peças de vestuário únicas, algumas com o contributo da estilista Paula Caria, que, a partir dos materiais tradicionais, trabalhados nos teares ancestrais, cria diversas peças dando-lhes um toque de modernidade e originalidade.

A maioria das peças tem a cor natural da lã de ovelha e contém arte aplicada ou bordados coloridos de desenhos florais. Uma das peças do vestuário tradicional é a capucha, uma capa feita em burel, com um capuz, utilizada no inverno para proteger do frio e da chuva.

Barro preto Ribolhos

Atualmente, as peças de arte popular de barro preto (devido ao tipo de cozedura) são outros objetos de artesanato que caracterizam o concelho de Castro Daire. O barro é trabalhado por Jorge Ferreira na roda do oleiro de forma tradicional, com recurso a ferramentas muito pouco sofisticadas (colher de pau e faca, por exemplo), no Atelier de Olaria de Ribolhos.

Neste local podem ainda apreciar-se as obras do oleiro pioneiro e mais famoso deste concelho, José Maria de Ribolhos.

Palhoça Mamouros

A palhoça, também designada por coroa, croça ou ainda palheira, é uma peça de vestimenta e agasalho que protegia o homem das intempéries quando este saía de casa para ir com o gado, entre outros afazeres. Alfredo Rodrigues de Mamouros ainda mantém esta tradição e não a põe de lado.

ano lectivo 2022/23, no âmbito do Domínio de Autonomia Curricular (DAC) e de uma das áreas do Projecto Cultural de Escola – Plano Nacional das Artes (PNA), efetuaram o levantamento dos vários artesãos existentes no concelho.

Estes dados servirão de base à elaboração de um Roteiro Pedagógico que, por sua vez, deverá culminar na realização de um vídeo de divulgação para posterior publicação no YouTube. Será ainda efetuada uma proposta de divulgação nos sites da Câmara Municipal de Castro Daire e na página de Facebook do PNA.

Pretende-se que, no âmbito dos Domínios de Autonomia Curricular, todos os anos lectivos se cumpra o já referido Roteiro Pedagógico com as turmas do 7.º ano, levando-as a visitar os artesãos de Castro Daire, de modo a transmitir às gerações mais novas as vivências e as tradições dos mais antigos. Assim, estaremos a contribuir para a preservação do património do concelho e para a dinamização das suas aldeias, hoje com cada vez menos pessoas.

Pedra Cujó



Em Cujó, José Carvalho transforma a pedra, sobretudo o granito, em artigos diversos, tais como bustos, relógios de sol e animais. Os artigos são produzidos recorrendo a ferramentas simples, como o ponteiro, a maceta, o cinzel, a régua e o esquadro.

Vime Vila Pouca



A cestaria em verga e a cestaria “breza” são produzidas no atelier de Porfírio Ferreira, em Vila Pouca. O artesão usa como matéria-prima a palha de centeio, a silva e por vezes o vime. Estes utensílios eram utilizados na vindima e no transporte e armazenamento de produtos agrícolas. Hoje são procurados essencialmente para fins decorativos.

Madeira Pereira



Em Pereira, José Agostinho faz trabalhos em madeira, com destaque para as miniaturas exclusivas de casas/igrejas do concelho de Castro Daire. Estes trabalhos impressionam pela dedicação, execução e sensibilidade.

Vamos fazer um plano Carnaval na Terceira

O Carnaval da Ilha Terceira é uma manifestação de teatro popular que conjuga teatro, música e coreografia. Grupos compostos por dezenas de pessoas preparam-se durante cerca de dois meses para pisarem o maior número possível de palcos da ilha. Em palco, entre duas alas de dançarinos e músicas, desenvolve-se o ‘assunto’, que é apresentado em verso.

No caso do Projeto MUTE (Música e Teatro), iniciado em 2011 e ainda operacional na Escola Básica Integrada dos Biscoitos, pertencente ao concelho da Praia da Vitória, cujo objetivo é descobrir/desenvolver competências MUSicais e TEatrais nos alunos e do qual já fizeram parte, ao longo e 11 anos, mais de 120 crianças e jovens, do 1.º ao 3.º ciclo, optou-se pela Dança de Pandeiro.

Esta tipologia distingue-se da Dança de Espada e do Bailinho pelo facto de ser apresentada por um ou mais mestres que cantam e dançam executando simultaneamente esse instrumento – o pandeiro. A intriga é cômica e, regra geral, satírica, criticando aspetos do quotidiano, sociais e políticos.

Segundo a presidente do conselho executivo da escola, Ana Berbereia Cardoso, também mãe de ex-participantes, a Dança de Pandeiro “é promotora de muitas aprendizagens, de partilha, convívio e amizade, que vão muito para além da sala de aula”.

Para além disto, afirma, o projeto terá um “grande impacto no futuro destes jovens enquanto cidadãos ativos na sua comunidade, por terem experienciado o trabalho em conjunto com colegas de idades díspares, por trabalharem as várias expressões artísticas de forma articulada e, principalmente, por terem aprendido a enfrentar grandes plateias, ao ponto de lhes fazerem passar intensamente as várias mensagens”.

Tânia Cardoso, encarregada de educação de uma nova integrante do projeto, foi surpreendida pela positiva por a sua educanda, Alice, ainda tão nova (7 anos) ter sido convidada para a Dança de Pandeiro:



Dança de Pandeiro da EBI dos Biscoitos no Auditório do Ramo Grande, Praia da Vitória, em 2023

“Foi de uma alegria enorme vê-la ingressar nesta tradição, que é tão nossa...” Sente que a filha criou laços incontáveis, o que foi visível no último dia de atuações no presente ano letivo, em que Alice chorou, sobretudo pelos amigos que nunca mais participariam na dança, devido ao facto de irem para o ensino secundário num futuro próximo.

Já Lara Silva e João Palma, também

estreadantes, frisam que o melhor do Carnaval é o calor hospitaleiro do povo terceirense.

João, de 22 anos e natural do Algarve, foi Campeão do Mundo, em 2018, na qualidade de acordeonista, e conquistou um lugar como músico na Dança de Pandeiro, tendo comovido o público, em todos os palcos, com o seu talento singular. Diz que a experiência, completamente nova, supe-



De palco em palco

Dança de Pandeiro



ENTREVISTA COM ANA CRISTINA SILVA

“Os jovens evidenciam cada vez mais vontade em manter e transmitir as tradições”

Ana Cristina Silva, natural de Angra do Heroísmo, é licenciada em História pela Universidade dos Açores e tem uma vasta carreira ao serviço da Educação. Foi representante da Direção Regional da Educação na implementação, na Região, do projeto “Avaliação da Qualidade na Educação Escolar”, facto particularmente relevante para esta entrevista, realizada via e-mail.

Considera as tradições, como o Carnaval, no caso da Ilha Terceira, importantes na educação dos jovens? Porquê?

Sim, indiscutivelmente, sim. Desperta nas crianças e jovens o interesse e vontade em aprender música, aprender a representar, aprender a dançar, a lerem mais, a conhecerem e apropriarem a evolução sociocultural da sua comunidade educativa. É uma forma de as crianças e jovens despertarem para o “mundo” partindo de uma especificidade cultural muito particular.

É um excelente veículo para o desenvolvimento do espírito crítico e aquisição de inúmeras aprendizagens transversais que se refletirão na sua formação, tornando-os melhores alunos e cidadãos do mundo, indo ao encontro do preconizado no documento do Ministério da Educação “Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória”.

O Carnaval da Ilha Terceira é um palco vivo durante três ou quatro dias. Uma enorme, quicá a maior manifestação de teatro popular do mundo, que nasce, anualmente, por vontade própria de um grupo (neste caso de muitos grupos) de amigos que durante meses escrevem textos, músicas, aprendem a representar para se divertirem, entreterem a ilha e darem a conhecer diferentes formas de expressão artística.



Iniciativas como a do Projeto MUTE da EBI dos Biscoitos só se mantêm porque a direção da escola facilita condições para o seu desenvolvimento, porque os docentes envolvidos despendem do seu tempo pessoal e para além do seu horário (componente letiva e não letiva) para a criação e dinamização de atividades

Quais as principais dificuldades nas escolas, em geral, no que respeita à transmissão da nossa herança cultural?

Em primeiro lugar, a falta de tempo para conciliar as aprendizagens definidas em currículo e a imperiosidade dos conteúdos programáticos, que, à data, estão definidos em aprendizagens essenciais para cada disciplina, de cada nível de ensino. Depois, o desconhecimento que alguns docentes, consequência das contingências dos concursos e do estatuto da carreira docente, têm perante a história e cultura locais. A apreensão da herança cultural de uma localidade ou região não é um processo rápido e frequentes alterações de docentes condicionam a implementação de projetos assentes em costumes e tradições.

Por outro lado, a receção pela comunidade educativa, pelas estruturas dirigentes locais – juntas de freguesia, câmaras municipais – e pelos dirigentes competentes em matéria de educação e cultura podem condicionar ou alavancar a transmissão da herança cultural, sendo que a componente económica pode limitar a implementação e desenvolvimento de atividades. O fator económico é também uma dificuldade, muitas vezes incontornável. Todos sabemos que há iniciativas que só se conseguem implementar com a assunção de despesas pelos pais e encarregados de educação, e nesta equação a escola tem de ter o cuidado de não excluir alunos por condicionalismos económicos.

Os jovens de hoje estão preparados para a preservação das nossas tradições?
Sem dúvida alguma que sim. Os nossos jovens evidenciam, cada

vez mais, vontade em participar, manter e transmitir as nossas tradições.

Na Ilha Terceira, seja nas tradições carnavalescas, nas festas do Espírito Santo, ou nas festividades de verão, há uma enorme envolvimento dos jovens. São cada vez mais os que vão aprender a tocar um instrumento para poder sair num bailinho de Carnaval. Há cada vez mais jovens a integrar comissões de festas, a frequentar aulas de música e de teatro e a fazerem-se representar na comunidade local.

Acha que a Educação tem cumprido a sua parte na passagem do Património Imaterial às novas gerações? O que mais pode fazer ou em que pode melhorar?

Se estamos a falar de estruturas regionais/centrais de educação, não, de modo algum. Iniciativas como a do Projeto MUTE da EBI dos Biscoitos só se mantêm porque a direção da escola facilita condições para o seu desenvolvimento, porque os docentes envolvidos despendem do seu tempo pessoal e para além do seu horário (componente letiva e não letiva) para a criação e dinamização de atividades. A nível das estruturas regionais ou centrais da educação não há qualquer apoio ou incentivo.

O apoio e o incentivo provêm, maioritariamente, das direções da escola, do seu corpo docente e não docente e dos pais e encarregados de educação.

A melhoria passa, indiscutivelmente e no mínimo, por integrar, no âmbito do plano anual de atividades da escola e/ou projeto educativo, tempos próprios para essas atividades, mesmo que tenham lugar fora do horário semanal de alunos ou docentes.



FERNANDO PAIVA

Tradição, alegria, convívio, “uma experiência única”. Para os alunos da Escola Básica Integrada dos Biscoitos, na Praia da Vitória, a Dança de Pandeiro é muito mais do que uma dança.
Por Catarina Costa, 9.º B

Educamos hoje, transformamos o amanhã

Na Sonae, acreditamos no poder da educação. Na sua capacidade de transformar e de construir uma sociedade mais justa e inclusiva.

Por isso, lideramos e apoiamos o desenvolvimento de projetos que promovem o acesso e a qualidade da educação em todas as fases do ciclo de aprendizagem, através de parcerias estratégicas. É com esta motivação, e reconhecendo o poder da informação, que a Sonae se volta a juntar ao Jornal Público e ao Plano Nacional das Artes, atribuindo a alunos de todo o país uma porta de acesso para um mundo em constante mudança.

Juntos, criamos hoje um amanhã melhor para todos.

